

Rosemberg teme 'besteira' do governo

As últimas medidas aprovadas pelo Conselho Monetário Nacional estão dando início a um processo recessivo no País, pois significam queda de vendas, de produção e de investimentos, além de aumentar o desemprego. Reduzir o crédito para conter o consumo em cerca de 25% é o mesmo que oferecer ao empresário taxas de juros 5% mais altas, em termos práticos. O que o afasta dos investimentos, condição única que favorece o crescimento do país. A declaração é do ex-assessor econômico do presidente Sarney e professor da USP, economista Luis Paulo Rosemberg (ex-grupo da Copia), que fez ontem em São Paulo uma palestra a empresários do setor de distribuição de veículos sobre as perspectivas econômicas, a convite da Abrave (Associação Brasileira dos Distribuidores de Veículos Automotores).

Rosemberg criticou a postura do governo de se deixar levar apenas pelos resultados obtidos no combate à inflação, revestindo-o, dessa forma, de caráter político. Principalmente porque este é um ano eleitoral, o economista acredita que o governo fará tudo para impedir que a taxa atinja 17% ao mês. Na sua opinião, a pressão para o sucesso no combate à inflação é tão grande que o governo poderá fazer "besteiras", como a adoção de um choque, a exemplo do acontecido na Argentina ou Israel, medida que não aceita porque envolve congelamento de preços, de salários e mexe com a situação financeira do País.

INFLAÇÃO NO "TAPA"

Para o economista, o governo já aprendeu "a segurar a inflação no tapa", estabelecendo controle de preços, artifício que na sua opinião não traz resultado, pois o que é reprimido durante algum tempo explode no momento da liberação.

Rosemberg (ex-grupo da copa), entende que indexação da economia não é uma doença, "é cura, mas, como todo remédio, tem efeitos colaterais altamente prejudiciais". Para



Para ex-assessor, o processo recessivo já começou

na medida em que o processo inflacionário é uma ameaça. O economista sugere maior firmeza por parte do governo e adoção de medidas que derrubem as taxas de juros e acelerem o investimento privado.

PREVISÕES

Para este ano, suas previsões a nível externo são otimistas. A nível interno, entretanto, demonstra preocupação: "O crescimento não chegará a 6%, mesmo considerando que o governo revogue as medidas recessivas, fundamentalmente por causa do desastre agrícola". Para ele, a inflação já está no patamar de 200% ao ano. Se forem atacadas todas as frentes, chegará a 230%. Aos níveis atuais atingirá 330%.

De acordo com Rosemberg (ex-grupo da copa) o governo já tem todas as medidas engatilhadas. Para obter bons resultados, precisa apenas cumprir o programa, fazendo uma "pilotagem" adequada. O economista acredita também que o pacote de crédito não durará um dia a mais do que o necessário, após a percepção de que teria caráter recessivo, pois, na sua opinião, recessão não está nos planos governamentais.

Na opinião do economista, o presidente Sarney tem grande sensibilidade política: "Falam de Alfonsín e Reagan como exemplos. No entanto, nenhum país conseguiu aprovar aumento de tributos em um cenário de transmissão de insatisfação como o nosso. Atribuo essa aprovação à competência do presidente Sarney".

Ao final de sua palestra, Rosemberg (ex-grupo da copa) deu um claro recado aos empresários: "A classe trabalhadora saiu da ditadura muito melhor preparada que os empresários. Atualmente, o empresário é um elemento ausente, acostumado aos cochichos e ao canal direto que o trabalhador nunca teve. O trabalhador está atuando muito mais através de um partido, o PT, em constante crescimento. Se continuar assim, não temos a menor dúvida para onde caminha este País".

GASTOS PÚBLICOS

Conforme Rosemberg (ex-grupo da copia), na economia brasileira o

governo é responsável pelas taxas de juros praticadas no mercado. "Assim, se quiser reduzir essas taxas, terá também de reduzir os gastos públicos. Quanto ao controle do lucro, que alerta para não ser confundido com o controle de preços, o economista diz que precisa ser feito desde que leve em consideração que o empresário precisa a reinvestir.

Quanto aos preços públicos, Rosemberg considera que o nível de irracionalidade existente chega às raias do impossível e lembra que as estatais "não são monstros com vida própria", mas simples empresas que fazem o que o governo manda. "Elas devem ser produtivas, mas o governo precisa ter uma visão mais global, separando prioridades na questão de investimento".

Ele não vê crescimento sem investimento privado. Para que isso aconteça, diz, o empresário precisa ter segurança, o que não ocorre